

The logo for Editora LUMANIZE features a stylized white figure of a person with arms raised, positioned to the left of the text. The word 'Editora' is in a smaller font above 'LUMANIZE', which is in a larger, bold, sans-serif font. A registered trademark symbol (®) is located to the right of 'LUMANIZE'.

Editora
LUMANIZE®

NINGUÉM À ESPERA

Memórias de um homem que
esqueceu o mundo

CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

Ninguém à espera: Memórias de um homem que esqueceu o mundo

Autora

Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

NINGUÉM À ESPERA: MEMÓRIAS DE UM HOMEM QUE ESQUECEU
O MUNDO



Copyright © Editora Humanize
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Autor

Clesia Carneiro da Silva Freire Queiroz

Publicação

Editora Humanize

Diagramação e Editoração

Luis Filipe Oliveira Duran

Caroline Taiane Santos da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Editora Humanize, BA, Salvador)

N576q
NM57053

QUEIROZ, Clesia Carneiro Da Silva Freire.

Ninguém à espera: Memórias de um homem que esqueceu o mundo - 1ªed. Bahia / BA:
Editora Humanize, 2026.

1 livro digital; ed. I; il.

ISBN: 978-65-5255-189-4

CDD 365.6

CDU 821.134.3-3

1. Sistema prisional 2. Abandono 3. Invisibilidade social 4. Emoções humanas
I. Título

1. Administração e condições de prisões - CDD 365.6

2. Literatura em língua portuguesa / Narrativa - CDU 821.134.3-3

"A prisão não rouba apenas os dias de um homem; ela sequestra o seu reflexo, devolvendo ao espelho um estranho que não sabe mais habitar o próprio nome."

A autora

Sumário

Dedicatória	6
Prólogo: A Geometria do Esquecimento	7
Notas da Autora	8
Parte I: A Saída e o Choque.....	9
O Último Alvejar	9
A Vertigem do Horizonte	12
O Mundo de Vidro	15
O Reflexo Estranho.....	18
Parte II: O Inventário das Sombras.....	21
A Infância de Grade	21
O Código do Silêncio	22
A Morte dos Visitantes	24
A Robótica da Cela	25
O Som do Ferro	26
Parte III: O Silêncio da Liberdade	27
Onde os Mortos Moram	27
O Pão com Gosto de Vida.....	28
A Prisão Invisível.....	30
O Próximo Passo	31
A Voz sem Rosto.....	32
O Olhar de Alforria	33
O Legado do Mestre	34
Parte IV: O Desfecho: A Geometria do Recomeço.....	35
O Som do Mar e o Silêncio da Culpa	35
O Encontro Final	36
Epílogo: O Cais de Severino	40

Dedicatória

Aos "Severinos" que habitam as fendas do sistema, cujas histórias foram silenciadas pelo peso do concreto e cujos nomes se perderam nos arquivos empoeirados das décadas.

Àqueles que cruzaram o portão de ferro e encontraram, do lado de fora, um mundo que não os reconhece, mas que ainda assim persistem na teimosia de existir.

Aos educadores e pesquisadores que acreditam na ressocialização como um ato de humanidade, e não apenas como uma métrica burocrática.

E, especialmente, à memória de quem, mesmo sob o céu recortado por grades, nunca permitiu que o horizonte da alma fosse limitado pelo tamanho da cela.

Prólogo:

A Geometria do Esquecimento

O tempo, dentro de uma cela de isolamento, não corre; ele estagna. Para o homem comum, quarenta anos são uma sucessão de governos, moedas que mudam de face, tecnologias que nascem e morrem, e rostos que envelhecem em fotografias de família. Para Severino, esse mesmo período foi uma única e longa nota de um violoncelo desafinado, vibrando contra as paredes de uma estrutura que o Estado projetou para ser o seu fim.

Este livro não é apenas o relato de uma soltura, mas o inventário de uma ressurreição forçada. Sair da prisão após quatro décadas é como ser um mergulhador que sobe rápido demais à superfície: o sangue ferve, os pulmões ardem e a realidade parece distorcida por uma pressão que o corpo já não sabe como processar. O mundo exterior, vasto e indiferente, torna-se o novo carcereiro de quem não possui mais as chaves da própria identidade.

Nas páginas que se seguem, mergulhamos no "Umbral", o choque térmico entre o vácuo do cárcere e o excesso de luz da liberdade. Investigamos as "Sombras", os reflexos de um passado que Severino tentou enterrar, mas que insiste em latejar em suas mãos calejadas. E, por fim, buscamos a "Resiliência", o ponto onde o homem deixa de ser um número para tentar, tardiamente, ser um nome. Esta é a crônica do silêncio de quem o mundo esqueceu, mas que a vida, teimosa, resolveu devolver à luz.

Notas da Autora

A construção desta obra nasceu de uma inquietação profunda sobre a invisibilidade humana no sistema prisional e a falácia da ressocialização sem amparo. Ao dar voz a Severino (personagem fictício), não busquei romantizar o crime ou a pena, mas sim investigar o que resta de um ser humano quando lhe são retirados o tempo, o espaço e o afeto por quase meio século.

A escolha do nome Severino é uma homenagem direta à tradição literária de resistência e à "morte e vida" de tantos brasileiros que enfrentam a seca da alma e o abandono institucional. O texto foi estruturado de forma a espelhar a claustrofobia do personagem, evoluindo de frases curtas e tensas nos capítulos iniciais para uma narrativa mais fluida e reflexiva à medida que ele redescobre a sua própria humanidade.

Como pesquisadora e escritora, acredito que a literatura serve como um espelho social necessário. "Ninguém à Espera" é um convite ao leitor para olhar para aqueles que evitamos ver nas calçadas: os sobreviventes de um sistema que pune além da conta e esquece de acolher o que sobra. Esta obra é o resultado de uma busca por justiça poética, onde o maior triunfo do protagonista não é a liberdade concedida pelo juiz, mas a paz conquistada no silêncio do seu próprio caos.



Parte I: A Saída e o Choque

Capítulo 1:

O Último Alvejar

O carcereiro não usou palavras, apenas um gesto mecânico com a cabeça, um movimento que Severino já conhecia como o encerramento de um ciclo. O som da tranca metálica ecoando pelo corredor frio foi o último aviso de que aquela rotina de décadas, marcada pelo barulho de chaves e o cheiro de mofo, chegava ao fim. No balcão de saída, o homem de sessenta anos recebeu um envelope pardo, amassado e frio ao toque, que continha os restos de uma vida que ele mal conseguia associar ao homem que se tornara.

— Assina aqui, Severino. No X. Não borra o papel que eu não tenho outro — disse o inspetor de plantão, sem levantar os olhos da prancheta. A voz era anasalada, indiferente ao peso do momento.

Severino pegou a caneta com os dedos trêmulos. A sua caligrafia, outrora firme, agora era um garrancho trêmulo, uma tentativa desesperada de desenhar o próprio nome em um mundo que o alfabetizara pelo medo.

Ele olhou para o papel, vendo a data: 2026. O número parecia uma coordenada de outro sistema solar.

— Tá olhando o quê? Esqueceu como escreve o nome ou tá esperando um abraço? — o guarda ironizou, batendo com os dedos na mesa de metal.

— Não senhor... é que o tempo... ele passou diferente aqui dentro — balbuciou Severino. Sua voz soou rouca, uma ferramenta que não era usada para diálogos há meses, apenas para monossílabos de obediência.

Dentro do envelope, havia uma cédula de uma moeda que já não circulava mais, um Cruzeiro manchado que parecia uma nota de brinquedo diante da realidade digital do balcão. Havia também um chaveiro de metal escurecido, com chaves de portas que o tempo e a demolição certamente já haviam derrubado do mapa.

O objeto mais doloroso, porém, era um relógio de pulso com o vidro trincado. O ponteiro dos segundos estava imóvel, congelado no exato instante em que a polícia o algemara na porta daquela agência bancária em 1986. Naquele dia, o "serviço" que deveria ser sua salvação financeira tornou-se o seu túmulo em vida. O sangue no asfalto, o grito do segurança ferido... a cena voltava em flashes monocromáticos sempre que ele fechava os olhos.

Severino guardou tudo no bolso da calça larga, sentindo o peso morto de um passado que não servia para o presente. Cada item era um lembrete de que o mundo lá fora não parou para esperá-lo; ele apenas seguiu, deixando-o para trás em uma cápsula de concreto. O remorso era um gosto de ferro que ele mastigava todas as manhãs.

A caminhada até o portão principal foi silenciosa. Seus sapatos faziam um eco oco no piso de cimento queimado, um som rítmico que ele decorou

durante metade de sua existência. Cada passo parecia mais pesado que o anterior, como se o corpo hesitasse em abandonar a única segurança que conhecia: o limite das grades.

— Escuta aqui, "véio" — chamou um preso mais jovem, encostado na grade da Galeria A, enquanto ele passava. — Se não tiver pra onde ir, volta logo. A rua tá matando mais que o pavilhão.

Severino não respondeu. Ele não sabia se o jovem falava por maldade ou por uma fraternidade torta. O medo da liberdade era uma doença silenciosa que contaminava todos ali dentro. Ele apertou a sacola de plástico contra o corpo, sentindo o suor frio escorrer pelas costas.

Quando o enorme portão de aço final rangeu, o som cortou o ar como um grito de metal. O inspetor apenas carimbou um formulário final e fez um sinal para que ele seguisse em frente. Severino parou por um segundo, olhando para o homem fardado.

— O senhor... o senhor sabe onde fica o ponto de ônibus para o centro? — perguntou Severino, usando um termo que sentia ser antigo.

— Ônibus? — O guarda riu, apontando para um totem metálico na calçada. — Agora é tudo no aplicativo ou no cartão, vovô. Se vira. A prefeitura tem um abrigo ali na frente, se não quiser virar janta de morador de rua.

Severino assentiu, embora não tivesse entendido metade das palavras. "Aplicativo" soava como um dispositivo de tortura, não como um meio de transporte. Ele deu o primeiro passo para fora, sentindo o sol atingir seu rosto com a violência de um tapa.

O estalo seco do metal batendo às suas costas selou o divórcio definitivo entre ele e o cárcere. Naquele momento, o silêncio da rua próxima pareceu mais ensurdecido do que o caos diário das galerias. Ele estava

do lado de fora, mas o cheiro de desinfetante barato ainda parecia impregnado em seus poros.

Ele olhou para sua sombra no chão. Ela parecia mais jovem que ele, um contorno negro que não carregava rugas. Severino respirou fundo, e o ar da liberdade queimou seus pulmões como fogo. Ele estava solto, mas o sistema ainda segurava a sua alma pela coleira da incerteza.

Capítulo 2:

A Vertigem do Horizonte

Ele parou na calçada de asfalto quente, imóvel como uma estátua de carne e osso. Seus pés, treinados pela necessidade de dar apenas cinco passos e girar, recusavam-se a avançar por aquela linha reta infinita. A distância era um conceito que Severino havia desaprendido; o horizonte não tinha fim, e essa falta de limites causava uma náusea física.

Uma mulher passou apressada, falando com o que parecia ser a própria palma da mão. Severino recuou, encostando as costas no muro áspero do presídio. Para ele, falar sozinho era o primeiro sinal de que o isolamento havia vencido a mente do preso.

— Com licença, dona... a senhora está bem? — ele arriscou, estendendo a mão num gesto hesitante.

A mulher parou, olhou para as roupas simples de Severino e para a sua sacola de plástico. O olhar dela foi um escaneamento rápido que terminou em desconfiança. Ela não respondeu; apenas apressou o passo, guardando o aparelho brilhante na bolsa.

— Que modo de vida é esse? — sussurrou Severino para si mesmo. — No meu tempo, um "bom dia" valia uma vida. Hoje, parece que todo mundo carrega um segredo na mão.

O céu estava limpo, de um azul tão intenso que chegava a ser agressivo. Sem o teto de concreto, ele se sentiu pequeno, desprotegido. Parecia que a gravidade era insuficiente e que o mundo poderia girar e lançá-lo para o vácuo azul a qualquer segundo de distração.

Ele olhou para os lados e viu a extensão da avenida. Não havia guardas vigiando nas torres, apenas câmeras pretas e silenciosas no topo de postes metálicos. Ele sentiu que a vigilância não havia acabado, apenas se tornado invisível e onipresente.

Severino lembrou-se do dia do crime. O peso da arma na cintura, o suor escorrendo pelos olhos... ele não queria ser um assassino. Queria apenas o dinheiro para a cirurgia da mãe. Mas a bala que saiu de sua arma não escolheu o alvo; ela escolheu o seu destino. Quarenta anos depois, o rosto do segurança ainda o visitava nos seus sonhos.

— Você pagou, Severino? — uma voz interna perguntava. — Ou o tempo só te envelheceu para que você sofra mais lá fora?

Ele apertou a sacola plástica contra o peito. Dentro dela, o relógio quebrado era o seu único mastro. O medo do espaço aberto era mais doloroso do que a finitude da cela. Ele era um homem livre, mas o pânico o mantinha acorrentado ao meio-fio, como um náufrago que teme a terra firme.

Um jovem de bicicleta, com uma caixa térmica laranja nas costas, passou voando por ele. "Cuidado, vovô! Tá no meio do caminho!", gritou o rapaz. Severino não se moveu. "Caminho", pensou ele. "Eu não tenho caminho. Eu só tenho o aqui e o agora, e os dois me assustam."

Ele viu uma placa publicitária com luzes LED que mudavam de cor. Mostrava uma comida que ele não reconhecia, com um nome em inglês. Ele sentiu que a língua brasileira também tinha sido presa e trocada por outra enquanto ele estava ausente.

A sede começou a apertar. Ele viu um bebedouro moderno numa praça próxima, mas não havia torneira. Havia apenas um sensor. Ele passou a mão por cima, por baixo, pelos lados. Nada. Um homem que passava, vendo o seu embaraço, colocou a mão no lugar certo e a água jorrou.

— É por sensor, tio. Tem que saber onde o olho tá — disse o homem, com uma ponta de pena na voz.

— Obrigado, cidadão. No meu tempo, a água era mais fácil de convencer a sair — respondeu Severino, tentando uma brincadeira que o outro não entendeu. O homem apenas sorriu amarelo e se afastou.

Severino bebeu a água, que tinha um gosto metálico. Ele olhou para as próprias mãos e percebeu que elas estavam limpas, mas a sua alma ainda carregava a poeira das galerias. Ele precisava andar. O muro do presídio já não podia mais ser o seu norte.

Ele deu dez passos seguidos em linha reta. O coração disparou. Onze, doze, treze... ele não girou. O horizonte continuava lá, imóvel e vasto. Severino sentiu uma pequena vitória brotar no peito, uma centelha de coragem que desafiava a vertigem.

A cada passo, ele sentia que estava desbravando um novo continente. O asfalto era o seu mar, e ele, um navegador cansado. Ele olhou para trás uma última vez e viu o portão do presídio sumir na distância. "Agora é só você, Severino", pensou. "Você e esse céu que não acaba nunca."

O Mundo de Vidro

A primeira grande avenida que Severino cruzou parecia o cenário de um filme de ficção científica. O barulho era uma agressão constante. Sirenes, buzinas eletrônicas e o burburinho de vozes em frequências altas criavam uma sinfonia caótica que o deixava zozzo.

Ele parou diante de uma fachada de shopping. Era toda de vidro, refletindo o sol de forma ofuscante. Severino hesitou diante da porta automática. Quando ela se abriu sozinha, ele recuou, achando que era uma armadilha ou um sistema de contenção.

— Pode entrar, senhor. É automático — disse um segurança de terno preto, muito diferente dos guardas de farda cinza que ele conhecia. O homem tinha um rádio no punho e um olhar de tédio.

— Isso aí... isso aí abre para qualquer um? — perguntou Severino, maravilhado e temeroso.

— Para quem tiver dinheiro para comprar, abre sim — respondeu o segurança, com um sorriso de lado que Severino não soube interpretar.

Lá dentro, o ar era gelado, um contraste violento com o mormaço da rua. Severino caminhava com passos curtos, sentindo o piso polido sob seus sapatos gastos. Tudo era brilhante demais, limpo demais, artificial demais. As vitrines exibiam manequins sem rosto, vestidos com tecidos que brilhavam.

Ele parou diante de uma loja de tecnologia. Dezenas de telas mostravam a mesma imagem: uma floresta em alta definição. Severino

aproximou-se, quase tocando o vidro. As folhas pareciam mais reais do que as árvores que ele vira na praça.

— Deseja ver algum modelo específico, senhor? — Uma vendedora jovem, com unhas pintadas de azul metálico, apareceu ao seu lado. — Esse aqui tem resolução 8K. É como se o senhor estivesse lá.

Severino olhou para ela, confuso. "8K"? "Resolução"? Ele buscou em sua memória algo que fizesse sentido.

— Eu... eu só estava olhando o verde — ele disse, com sinceridade. — Faz tempo que não vejo tanto mato junto, mesmo que seja de mentira.

A vendedora sorriu, mas era um sorriso profissional, sem conexão. Ela percebeu que ele não era um comprador. O olhar dela mudou rapidamente para a sacola plástica de Severino.

— O senhor gostaria de conhecer os novos smartphones? Estão em promoção — ela insistiu, seguindo o protocolo.

— Minha filha, eu mal sei usar esse relógio aqui — ele mostrou o pulso com o vidro trincado. — Eu sou de um tempo onde a gente falava com as pessoas olhando no olho, não através de um espelho de bolso.

A moça riu, uma risada curta. — O senhor é engraçado. Mas o mundo mudou, né? Quem não se conecta, some.

Severino sentiu o peso daquelas palavras. "Quem não se conecta, some." Ele já tinha sumido por quarenta anos. Agora que reaparecera, descobriu que o mundo exigia uma nova forma de existência que ele não possuía. Ele era um rádio de pilha tentando sintonizar um sinal de satélite.

Ele saiu do shopping, sentindo o calor da rua como um abraço de um velho amigo. O vidro era bonito, mas era frio. Ele preferia a poeira. Pelo menos a poeira ele sabia como limpar das mãos.

Sentou-se num banco de concreto e observou uma criança jogando um jogo eletrônico num tablet. O som de explosões e bipes eletrônicos irritava seus ouvidos sensíveis. Severino lembrou-se de como jogava bola de gude na terra. A gude tinha peso, tinha temperatura, tinha som de verdade.

— Ei, garoto — ele chamou. O menino não olhou. — Garoto!

Na terceira vez, o menino tirou os fones de ouvido. — O que foi, vô?

— Isso aí que você está jogando... você não prefere ir lá fora? Correr?

O menino olhou para Severino como se ele fosse um alienígena. — Lá fora tá calor, vô. E aqui tem internet.

O menino colocou os fones novamente. Severino suspirou. A prisão invisível era tecnológica. As pessoas estavam encarceradas em suas próprias telas, felizes em suas celas de pixels. Ele, que acabara de sair de uma cela real, não conseguia entender a pressa das pessoas em se prenderem novamente.

Ele olhou para o próprio reflexo numa vitrine de vidro temperado. Viu um homem cinza num mundo de neon. Severino percebeu que a sua liberdade seria uma luta constante contra a invisibilidade. Ele era o resto de um passado analógico que o mundo digital estava tentando deletar por falta de espaço no servidor.

O Reflexo Estranho

A fome o levou até a frente de uma galeria comercial. O cheiro de pão com manteiga na chapa o atraiu como um ímã. Ao se aproximar de uma coluna espelhada na entrada, Severino parou bruscamente. Ele viu um homem idoso vindo em sua direção.

Ele deu um passo para o lado para dar passagem, e o outro homem fez o mesmo. Ele parou, e o outro parou. Foi quando a ficha caiu, pesada e gélida. Aquele velho de ombros caídos, com o rosto sulcado como um campo arado e o cabelo cor de cinza de cigarro, era ele.

Severino levou a mão ao rosto. O reflexo repetiu o gesto. Ele tocou a própria pele, sentindo a textura de couro velho. Onde estava o jovem que ele fora? Onde estava o homem que, mesmo cometendo um erro fatal, ainda tinha o brilho da vida nos olhos?

— Severino... o que o tempo fez com você? — ele sussurrou para o espelho.

Ele lembrou-se da mãe. Ela dizia que ele tinha o sorriso mais bonito da rua. Ele tentou sorrir para o reflexo, mas o que viu foi uma careta de dor. Os dentes estavam gastos, a boca murcha. O Estado havia comido a sua carne e deixado apenas a estrutura para ele carregar.

— O senhor está bem? — Um homem de terno, provavelmente um lojista, parou ao seu lado. — Quer que eu chame alguém? Uma ambulância?

— Não... eu só... eu não me via há muito tempo — respondeu Severino, sem tirar os olhos do reflexo. — O senhor sabia que a gente muda tanto assim sem perceber?

O lojista olhou para Severino com uma mistura de pena e pressa. — É a idade, meu amigo. A gente não fica jovem para sempre. Agora, se o senhor puder circular... está bloqueando a vitrine.

— Bloqueando a vitrine... — Severino repetiu a frase. — Desculpe, cidadão. Eu não queria atrapalhar a sua beleza.

Ele se afastou, sentindo uma vergonha profunda. Ele era um estorvo estético. O mundo novo não tolerava a decadência física à vista de todos. Ele precisava de um lugar para se esconder, mas não havia mais celas para ele.

Severino olhou para suas mãos novamente. Eram as mesmas mãos que seguraram a arma, mas agora eram mãos que mal conseguiam segurar uma sacola plástica sem tremer. A culpa, ele percebeu, não envelhece. Ela permanece jovem e afiada, cortando por dentro enquanto a pele por fora apodrece.

— Você matou aquele homem, Severino — a voz da consciência martelava. — E agora o tempo te matou também.

Ele entrou num pequeno café e pediu um "pingado". O atendente, um rapaz com o cabelo pintado de verde, olhou para ele com estranhamento.

— Um o quê? — perguntou o rapaz.

— Um pingado. Café com leite num copo de vidro — explicou Severino, sentindo-se um estrangeiro em seu próprio país.

— Ah, um *latte* pequeno? — o rapaz sugeriu, apontando para um cardápio digital.

— Se for café com leite e for quente, pode ser esse nome de batismo aí — respondeu Severino, colocando suas poucas moedas no balcão.

Ele tomou o café, sentindo o calor reconfortante. Olhou para o lado e viu uma foto antiga da cidade na parede do café. Era a Recife dos anos 70. Ele reconheceu os carros, as roupas, o jeito de caminhar das pessoas. Pela primeira vez no dia, ele sentiu que não estava louco.

Aquele mundo existira. Ele fizera parte dele. A "Justiça Poética" que ele buscava não estava nos prédios de vidro, mas nos fragmentos de humanidade que ainda sobreviviam nas frestas do tempo. Ele terminou o café, limpou a boca com o dorso da mão e levantou-se.

Severino saiu do café com o passo um pouco mais firme. Ele ainda era um fantasma, mas agora era um fantasma que tomara um café quente. Ele aceitou o velho que vira no espelho. Se aquele homem sobrevivera quarenta anos no inferno, ele certamente poderia sobreviver a um dia de sol no paraíso de vidro.

Ele caminhou em direção à praça, buscando um banco onde pudesse apenas ser. Sem grades, sem contagem, sem inspetores. Apenas Severino, um homem que esqueceu o mundo, mas que o mundo, teimosamente, resolveu lhe dar mais uma chance de ser lembrado.



Parte II: O Inventário das Sombras

Capítulo 5:

A Infância de Grade

Severino sentou-se em um banco de praça cujas ripas de madeira pareciam frágeis demais para o seu peso de sessenta anos. Ele fechou os olhos e, por um instante, o cheiro de ozônio da cidade grande foi substituído pelo cheiro de terra molhada do quintal em Solidão. Era 1974. Ele via a mãe, Dona Carminha, estendendo lençóis brancos que batiam ao vento como bandeiras de rendição.

— Severino, meu filho, não corre que o chão tá liso! — a voz dela ecoava, doce e nítida.

O estalo de um galho quebrando na praça o trouxe de volta. A transição daquele quintal para o internato de menores, aos quatorze anos, foi a primeira "morte" de Severino. Ele fora pego furtando sacos de farinha para ajudar em casa. O juiz da época, um homem de óculos grossos e voz de trovão, não viu uma criança faminta; viu um "elemento pré-delinquente".

— O senhor entende por que está aqui, rapaz? — perguntou um monitor do internato no primeiro dia, enquanto cortava o cabelo de Severino com uma máquina cega que puxava os fios da raiz.

— Eu só queria comer, doutor. Minha mãe tá doente — Severino respondeu, as lágrimas abrindo sulcos na poeira do rosto.

— Aqui não tem "mãe". Aqui tem disciplina. Se você não aprender agora, o presídio te ensina mais tarde — sentenciou o homem.

A profecia se cumpriu com uma precisão cirúrgica. O internato foi o laboratório onde Severino aprendeu que o afeto era uma fraqueza explorável. Ele aprendeu a endurecer o olhar antes de aprender a fazer a barba. A inocência não foi perdida; foi confiscada pelo Estado e trocada por um prontuário que crescia a cada tentativa desesperada de sobrevivência.

Ele lembrava-se da última vez que viu o quintal. A terra estava seca, e a mãe, mais magra do que os lençóis que lavava, acenava da porta. Ele não sabia que aquele aceno era um adeus definitivo. No mundo dos esquecidos, os laços de sangue são os primeiros a apodrecer sob o sol do pátio, consumidos pela distância e pela burocracia que transforma pessoas em processos.

Capítulo 6:

O Código do Silêncio

Dentro da segurança máxima, nos anos 90, Severino aprendeu a gramática do olhar. Ali, uma palavra dita na hora errada ou com a entonação equivocada valia menos que um estoque — a faca improvisada — cravado

entre as costelas durante o banho de sol. Ele se tornou um mestre na arte de ser invisível, uma sombra que se movia nos cantos, evitando o radar das facções que começavam a lotear o inferno.

— Ei, Tio... você é do tempo do cangaço? — zombou um preso jovem, com o corpo coberto de tatuagens que Severino não sabia ler. O rapaz ostentava uma cicatriz que atravessava o supercílio.

Severino apenas inclinou a cabeça, mantendo as mãos para trás. O silêncio era sua armadura. Se respondesse, abria um diálogo; se abrisse um diálogo, criava um vínculo; e vínculos na prisão são dívidas que se pagam com a alma.

— O silêncio é o melhor advogado do homem, garoto — Severino pensou, mas não disse.

Ele moldou seu comportamento para ser um "neutro". Aprendeu a ler a tensão no ar pelo cheiro do pavilhão: quando o cheiro de maconha era substituído pelo cheiro de adrenalina e suor frio, a rebelião estava a caminho. Nessas horas, Severino se recolhia ao seu beliche, fechava os olhos e rezava para que a morte, se viesse, fosse rápida.

A violência era uma vizinha barulhenta. Ele viu homens serem transformados em "meninas" por dívidas de cigarro e viu líderes caírem de tronos de cimento em segundos. Severino criou uma casca espessa, uma anestesia emocional que o impedia de sentir o baque de um corpo caindo no pátio. Para sobreviver ao horror, ele precisou se tornar parte dele: frio, rígido e silencioso como as paredes que o cercavam.

A Morte dos Visitantes

Os domingos eram dias de uma tortura refinada. O alto-falante da galeria cuspiu nomes como se fossem prêmios de uma loteria cruel. "Severino da Rocha Lins, pátio de visitas!". No começo, ele corria. Via a mãe, depois uma irmã, depois um primo. O contato com o "lado de fora" era o oxigênio que o mantinha respirando naquele vácuo.

— Você está bem, meu filho? Trouxe um bolo de rolo pra você — dizia Dona Carminha, com as mãos tremendo sobre a mesa de cimento.

— Tô sim, mãe. Logo eu saio. É só um erro — ele mentia, sabendo que a sua pena de quarenta anos era uma sentença de morte em contagotas.

Com o passar das décadas, o bolo de rolo parou de vir. Depois, as cartas pararam de chegar. O domingo tornou-se o dia mais silencioso de sua semana. Severino sentava-se no pátio vazio, observando os outros presos receberem abraços, e sentia a sua própria existência evaporar. Ele morreu para o mundo muito antes de sair do portão.

Houve um domingo, por volta de 2010, em que ele pediu para não ser chamado, mesmo que alguém aparecesse. O "destinatário desconhecido" carimbado em sua última carta para a irmã foi o ponto final. Severino entendeu que a memória das pessoas é curta e que a vida lá fora tem pressa. Ninguém tem tempo de esperar por quarenta anos. Ele guardou a caneta e aceitou o exílio definitivo: agora, ele era apenas o dono de suas próprias sombras.

A Robótica da Cela

Quarenta anos de confinamento automatizaram seus músculos. Severino, agora caminhando pela avenida em 2026, sentia a coluna curvar-se automaticamente ao cruzar com um policial. Suas mãos buscavam a posição de algema nas costas por puro reflexo condicionado. Ele era um robô de carne, programado para a submissão e para a escassez de espaço.

Sua mente, porém, estava presa em 1986. O crime. Ele não era um bandido de carreira; era um homem desesperado. O assalto ao banco deveria ser rápido. "Ninguém se machuca!", ele gritara. Mas o segurança, um rapaz que não devia ter mais de vinte anos, reagiu. O tiro de Severino foi um erro de cálculo, um espasmo de medo. O sangue no mármore do banco era de um vermelho que Severino nunca esqueceu.

— Por que você não correu? Por que você puxou o gatilho? — a pergunta o perseguia há quatro décadas.

Ele nunca soube o nome do rapaz. Chamava-o apenas de "O Menino". Na prisão, ele tentou confessar o remorso para um padre que visitava as celas, mas o homem parecia mais interessado em distribuir folhetos do que em ouvir a dor de um assassino por acidente. Severino carregava o peso daquele rapaz em seus ombros; cada passo que dava na liberdade parecia uma afronta à vida que ele tirara.

O corpo robótico de Severino parou diante de uma vitrine de eletrônicos. Ele viu um drone voando dentro de uma loja, uma pequena máquina zumbindo no ar. Ele recuou, achando que era um inseto gigante ou uma arma nova do sistema. Sua fisiologia permanecia encarcerada,

operando sob uma lógica de defesa que o mundo exterior já havia substituído por algoritmos. Ele era um homem solto, mas sua alma ainda estava na tranca, esperando por um perdão que nenhum juiz ou alvará poderia conceder.

Capítulo 09:

O Som do Ferro

Dentro da oficina de manutenção do presídio, o barulho era uma constante que ensurdecia os fracos, mas ensinava os pacientes. Severino passou vinte anos ali, entre tornos mecânicos e motores de geradores que pareciam relíquias de um século passado. Foi onde ele descobriu que o metal, ao contrário dos homens, não mente: se você aplicar a pressão certa, ele cede; se esquecer o óleo, ele grita.

Ele aprendeu a "ler" o aço com as pontas dos dedos, identificando microfissuras que os olhos cansados dos guardas não viam. O instrutor da oficina, um velho preso político que vira o mundo mudar pelas frestas, ensinou-lhe que consertar uma máquina era uma forma de consertar a própria mente. "Severino, se você dominar o motor, o muro deixa de existir", dizia o velho. Naquelas décadas de graxa e limalha de ferro, Severino deixou de ser apenas um detento para se tornar um artesão da sobrevivência mecânica, guardando segredos de engenharia que seriam sua única herança para o futuro.



Parte III: O Silêncio da Liberdade

Capítulo 10:

Onde os Mortos Moram

Severino chegou ao bairro de sua juventude como um fantasma tentando atravessar uma parede de vidro. Onde antes havia o barulho das máquinas de costura e o cheiro de coentro das feiras, agora imperava o silêncio estéril de condomínios com nomes franceses. Ele parou diante de uma guarita espelhada.

— Bom dia, patrão. Eu... eu procuro pela casa de Dona Carminha. Era aqui, no número duzentos e doze — disse Severino, tirando o boné em um gesto de respeito antigo.

O segurança, um jovem com fone de ouvido e colete balístico, olhou para Severino como se ele falasse latim. O rapaz consultou um monitor digital, os dedos voando sobre o teclado.

— Duzentos e doze? Tio, isso aqui virou o "Edf. Saint Michel" faz uns dez anos. Não tem "Carminha" nenhuma no cadastro de moradores. Você tem o CPF dela? — perguntou o jovem, sem tirar os olhos da tela.

— CPF? Não... ela era lavadeira. Todo mundo conhecia. Ela tinha uma roseira no terraço... — Severino insistiu, a voz falhando.

— Roseira? — O segurança riu, uma risada seca. — Aqui só tem cerca elétrica e paisagismo de plástico. Circula aí, "vovô", o síndico não gosta de aglomeração no portão.

Severino sentiu o impacto daquela frase: *Aglomeração de um homem só*. Ele era um erro na paisagem. O bairro não fora apenas reformado; fora higienizado de qualquer vestígio de sua existência. Ele percebeu que a liberdade era, na verdade, um exílio geográfico. Seus mortos não tinham túmulos; tinham códigos de barras que ele não sabia ler.

Capítulo 11:

O Pão com Gosto de Vida

Exausto, Severino sentou-se num banco de praça no Centro do Recife. Foi quando um homem com uniforme de gari, o rosto marcado pelo sol do meio-dia, sentou-se ao seu lado. O gari abriu uma marmitta e o cheiro de feijão com farinha atingiu Severino como uma lembrança física, quase dolorosa.

— Tá com cara de quem caminhou o sertão todo, patrão — disse o gari, estendendo um pedaço de pão francês. — Aceita um pedaço? Tá meio murcho, mas sustenta.

Severino aceitou, as mãos tremendo. — Obrigado, cidadão. Eu... eu estou meio perdido. O mundo ficou rápido demais. As pessoas não se olham.

— É a tal da tecnologia, né? — o gari deu um gole num café de garrafa térmica. — Todo mundo com o pescoço curvado praquele aparelhinho. Parece que tão tudo preso dentro do telefone.

— Eu passei quarenta anos preso num muro de verdade — Severino confessou, a voz baixa. — E agora que saí, parece que entrei numa prisão maior. Uma que não tem grade, mas que não te deixa entrar em lugar nenhum.

O gari parou de mastigar. Olhou para as cicatrizes nas mãos de Severino e para o seu olhar de bicho acuado. Ele não sentiu medo; sentiu reconhecimento.

— Sabe o que é, Tio? O mundo esquece rápido porque tem medo de lembrar. Mas ó, o sol nasce pra quem tá solto e pra quem tá guardado. Esse pão aí é de hoje. Come, que o estômago não tem passado, só tem agora.

Pela primeira vez, Severino sorriu de verdade. Não foi um sorriso para o espelho, mas para um igual. O pão tinha gosto de solidariedade, a única moeda que não sofrera inflação em quarenta anos.

A Prisão Invisível

A noite trouxe o frio e o perigo. Severino tentou entrar em um abrigo municipal, mas foi barrado por um funcionário burocrático com um crachá no peito.

— Nome completo e documento original — exigiu o homem.

Severino entregou o envelope pardo. — Eu só tenho o alvará de soltura, senhor. Saí hoje.

O funcionário afastou o papel com a ponta dos dedos, como se fosse contagioso. — Isso aqui não serve como ID atualizado. Sem biometria, não tem vaga. E o sistema diz que você não tem residência fixa.

— Mas é por isso que eu estou aqui! Se eu tivesse casa, não precisava de abrigo — argumentou Severino, sentindo a velha raiva da injustiça subir pela garganta.

— Não grita comigo, "ex-detento". Se fizer barulho, eu chamo a viatura e você volta pra onde não devia ter saído — ameaçou o funcionário.

Severino recuou. O medo de voltar era mais forte que o frio. Ele entendeu que a sociedade criara uma "segunda pena": a morte civil. Ele estava livre da justiça, mas condenado pela administração. Ele caminhou até o porto, sentindo-se um resto de naufrágio que o mar da burocracia insistia em cuspir de volta para o abismo.

O Próximo Passo

Severino encontrou um pequeno estaleiro de barcos de pesca. O dono, um velho tão rústico quanto ele, precisava de alguém que soubesse dar nó em corda e limpar casco de madeira. Severino não pediu salário; pediu um teto e um prato.

— Você sabe trabalhar, homem? — perguntou o patrão.

— Eu sei esperar. E quem sabe esperar quarenta anos, sabe fazer qualquer coisa com calma — respondeu Severino.

Nas madrugadas, vigiando os barcos, ele finalmente encontrou sua paz. A "Justiça Poética" não veio em forma de desculpas do Estado ou reencontro com a família. Veio através de um rádio de pilha que um pescador lhe deu. Severino aprendeu a sintonizar as estações e, numa noite de lua cheia, ouviu uma música que sua mãe cantava.

Ele percebeu que o rapaz que ele matara em 1986 não queria o seu ódio, mas o seu arrependimento produtivo. Severino começou a ensinar os jovens do porto a consertar motores antigos, usando a paciência que a cela lhe ensinara. Ele tornou-se o "Mestre Severino".

O seu "próximo passo" foi dado sobre as águas. Ele não era mais o número 412; era o homem que conhecia os segredos do ferro e da madeira. Ele ainda era invisível para o sistema de biometria, mas era essencial para os homens do mar.

Sentado no cais, Severino olhou para o horizonte infinito. O medo da distância desaparecera. Ele entendeu que a liberdade não é um lugar onde

se chega, mas a coragem de continuar caminhando, mesmo quando ninguém está à espera na calçada. Ele abriu a sacola plástica, pegou o relógio quebrado e, com um movimento firme, lançou-o ao mar. O tempo de Severino, finalmente, voltara a correr.

Capítulo 14:

A Voz sem Rosto

A fome o obrigou a entrar em uma agência bancária para tentar entender o "cartão de auxílio" que o Estado lhe entregara. Diante de um terminal de autoatendimento, Severino sentiu-se diante de um altar de vidro e luz que não falava sua língua.

— Por favor, coloque o seu dedo no leitor — disse uma voz feminina, sintetizada e perfeitamente calma, vinda de dentro da máquina.

Severino olhou para os lados, procurando a mulher. — Senhora? Onde a senhora está? — ele perguntou, a voz trêmula, atraindo olhares curiosos de jovens que passavam.

— Impressão digital não reconhecida. Tente novamente — repetiu a voz metálica, indiferente.

— Eu estou tentando, dona Máquina... é que minha digital sumiu de tanto lixar parede na oficina — ele explicou, suando frio, o coração batendo contra as costelas. — Eu só queria um pão. A senhora pode me ouvir?

A máquina não respondeu. Emitiu apenas um bipe agudo e exibiu uma mensagem de "Erro de Autenticação". Severino recuou, sentindo uma humilhação que o presídio nunca lhe causara. Lá, a autoridade tinha rosto

e voz; aqui, a autoridade era um algoritmo invisível que não aceitava explicações. Ele era um estrangeiro analógico em uma terra que não reconhecia mais o toque humano.

Capítulo 15:

O Olhar de Alforria

Ao caminhar pela calçada, uma viatura da polícia parou no sinal vermelho, exatamente ao seu lado. Por puro reflexo condicionado, o corpo de Severino reagiu: os ombros baixaram, o olhar buscou o asfalto e suas mãos foram automaticamente para as costas, em posição de revista. Era a **Robótica da Cela** assumindo o comando de seus nervos.

Mas algo estalou dentro dele. Ele lembrou-se da Gameleira de Solidão, que permanecia firme apesar das tempestades. Conscientemente, Severino forçou os músculos a relaxarem. Ele respirou fundo, ergueu o queixo e, pela primeira vez em quarenta anos, olhou diretamente para o policial dentro do carro.

Não foi um olhar de desafio, mas um olhar de **existência**. O policial sustentou o olhar por um breve segundo e, vendo apenas um senhor idoso caminhando com dignidade, desviou o rosto. A viatura seguiu seu caminho. Severino continuou andando, mas seu passo agora era diferente. Ele não fora revistado. Ele não fora parado. Naquele pequeno gesto de não baixar a cabeça, Severino assinou sua própria alforria. O "número" morrera; o homem, enfim, nascera.

O Legado do Mestre

No estaleiro, o conhecimento de Severino tornou-se uma ponte para os jovens pescadores. Ele não apenas consertava os motores de popa; ele ensinava a "Alma do Ferro" para meninos como Tiago, que nunca tinham visto uma ferramenta manual.

— Olhem bem, o segredo não é a força, é o tempo do metal — explicava Severino, cercado por jovens que o ouviam com um silêncio religioso que ele nunca vira no pavilhão.

Ele usava as técnicas improvisadas da prisão para resolver problemas que as peças modernas não resolviam. Ele transformava sucata em utilidade. Ao ver Tiago consertar o primeiro motor sozinho sob sua supervisão, Severino sentiu uma paz que nenhuma sentença cumprida lhe dera. Ele estava transformando a sua "pena" em um legado. O que ele aprendera no isolamento agora servia para manter os barcos no mar e o pão na mesa daqueles rapazes. Severino, o ex-detento, agora era **Mestre Severino**. Sua justiça poética estava completa: ele não precisava mais ser perdoado pelo mundo, pois ele já estava ensinando o mundo a ser melhor.



Parte IV: O Desfecho: A Geometria do Recomeço

Capítulo 17:

O Som do Mar e o Silêncio da Culpa

No pequeno estaleiro de barcos de pesca, Severino encontrou o que o presídio nunca pôde oferecer: **utilidade**. Seus dedos, outrora treinados para contar os minutos nas ranhuras das paredes, agora aprendiam a textura da estopa e o cheiro do zarcão. Ele não era mais o "6021"; era o homem que sabia ouvir o motor de um barco e dizer, apenas pelo timbre, onde estava a falha.

— Seu Severino, o *Estrela do Mar* tá engasgando-se de novo. Dá uma olhada? — pedia o jovem Tiago, um pescador de vinte anos que tinha a mesma idade do segurança que Severino vitimara em 1986.

Olhar para Tiago era, para Severino, uma forma de oração diária. Cada concerto que fazia no barco do rapaz era um pagamento simbólico de uma dívida que ele sabia ser impagável, mas que agora podia ser mitigada pelo suor e pelo serviço.

— É o filtro, Tiago. O mundo de hoje tem muita impureza, entope tudo o que é velho — respondia Severino, com um sorriso de lado.

Capítulo 18:

O Encontro Final

A tarde caía sobre o cais com uma luz cor de cobre, transformando o balanço das ondas em um hipnótico exercício de esquecimento. Severino estava absorto na limpeza das redes, seus dedos movendo-se com a precisão de quem costura as próprias feridas. Ele não ouviu os passos, mas sentiu o ar mudar. Uma sombra projetou-se sobre as malhas de nylon e, antes mesmo de levantar os olhos, o seu corpo — aquele radar biológico treinado no medo — tencionou.

Ao erguer a cabeça, ele não viu um cliente. Viu um espelho.

À sua frente estava uma senhora cujo rosto era um mapa de perdas semelhantes às dele. O luto nela não era uma roupa, era uma postura. Severino sentiu um choque elétrico percorrer a espinha; as feições daquela mulher eram o rascunho envelhecido do rosto que o perseguia em pesadelos desde 1986. Ela era o sangue que ele não conseguira limpar da memória.

O tempo parou. O barulho dos barcos e o grito das gaivotas tornaram-se um zumbido distante. Por um segundo, Severino foi tentado pelo reflexo da cela: baixar o olhar, recuar para as sombras, desaparecer. Mas ele não era mais o número 412. Ele era o homem do cais.

— Você... — a voz dela saiu fina, como uma linha de pesca esticada ao limite. — Eu passei quarenta anos ensaiando o que dizer se um dia te encontrasse. No meu pensamento, eu gritava. Mas agora... agora só sinto o cansaço de te odiar.

Severino soltou a rede. Seus joelhos fraquejaram, mas ele se manteve de pé, sustentando o olhar que ele evitou por uma vida inteira.

— Eu não espero que a senhora entenda — disse Severino, a voz rouca, lutando para sair de uma garganta seca de remorso. — Eu morri naquela agência bancária junto com o seu irmão. O que sobrou foi uma casca que o Estado guardou numa gaveta de concreto.

A mulher deu um passo à frente, os olhos marejados fixos nas mãos dele — mãos que um dia seguraram o ferro da morte e que agora seguravam o nylon da vida.

— Minha mãe morreu chamando por ele. E, nos últimos dias, ela chamava por você também. Ela queria saber o que havia no seu coração naquele segundo. Ela perguntava: "O que esse homem queria que fosse maior que a vida do meu filho?".

Severino sentiu as lágrimas, represadas por décadas de código de silêncio, queimarem seus olhos como ácido. Ele não soluçou; ele desabou por dentro.

— Não havia nada maior, dona. Havia o nada. O medo é um vácuo que engole a razão. Eu queria salvar uma vida e, no meu desespero cego, apaguei outra. Eu daria cada minuto desses meus quarenta anos para que

ele estivesse aqui hoje, no meu lugar, vendendo esse peixe, respirando esse ar... e eu fosse apenas pó.

Um silêncio denso instalou-se entre os dois. Não era o silêncio de morte da prisão, mas o silêncio de uma verdade nua. A mulher olhou para o mar, onde o sol começava a mergulhar.

— O mar não guarda rastros, Severino. Ele aceita tudo o que a gente joga nele. — Ela aproximou-se da banca de peixes, tocando levemente a madeira gasta. — Meu irmão era jovem. Ele amava o azul. Ele teria orgulho desse barco que você consertou. É estranho... eu vim aqui buscar alimento e acabei encontrando o fantasma que assombrou minha família.

Ela escolheu dois peixes com mãos trêmulas. Severino tentou recusar o pagamento, mas ela negou com um gesto firme.

— Aceite. Eu não quero te dever nada, e não quero que você me deva. O perdão não é um abraço, Severino. O perdão é eu conseguir levar esse peixe pra casa e não sentir o gosto de sangue na comida. Tente viver o que te resta. A vida é curta demais para durar quarenta anos de ódio, e a morte é longa demais para não ser perdoada.

Ela partiu sem olhar para trás. Severino ficou parado, segurando as moedas que ela deixou — o primeiro dinheiro que não parecia sujo. Ele foi visto por quem ele mais temia, foi confrontado pela dor que ele causou e, pela primeira vez, não foi destruído pelo julgamento. A verdadeira alforria de Severino não veio do juiz, nem do Estado; veio daquela mulher que, ao levar o peixe, levou também o fardo de ser o seu único algoz.

Naquela tarde, Severino não limpou mais as redes. Ele apenas sentou e observou o mar levar o sol, entendendo que, finalmente, o tempo de 1986 havia acabado. O agora, enfim, era dele.

"Ali, sob a luz crepuscular do porto, Severino compreendeu que a paz não é o esquecimento do que fomos, mas a coragem de ser o que sobrou após o incêndio."



Epílogo

O Cais de Severino

Severino sentou-se na ponta do trapiche ao pôr do sol. Ele pegou o pequeno rádio de pilha que o gari lhe dera — seu único luxo tecnológico — e sintonizou uma rádio de notícias. O locutor falava de novas leis, de inteligência artificial e de um mundo que parecia cada vez mais distante daquela madeira úmida onde ele repousava.

Ele desligou o rádio. Não precisava mais de notícias. A sua notícia era o balanço das águas. Ele abriu a sacola plástica, pegou o antigo relógio de pulso com o vidro trincado — aquele que parara no momento do crime — e, com um movimento fluido, lançou-o nas águas profundas do porto.

O relógio afundou, levando consigo o tempo estagnado, a geometria das grades e o peso do ferro.

Severino levantou-se. Seus passos não eram mais curtos. Ele caminhou em direção à oficina, onde uma lâmpada amarela brilhava. Ele tinha um motor para consertar amanhã. Ele tinha um nome. Ele tinha, finalmente, um lugar onde o mundo, apesar de tudo, o deixava existir.

"Severino descobriu, quarenta anos tarde demais, que a liberdade não é a ausência de muros, mas a coragem de não ser mais o fantasma do crime que o inventou."

NINGUÉM À ESPERA

Memórias de um homem que esqueceu o mundo

CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

